

MARÉ DE NOTÍCIAS

ELISÂNGELA LEITE



Ler é a brincadeira

Bibliotecas comunitárias emprestam livros e oferecem atividades, como contação de histórias.

PÁGINAS 8 E 9

Encontro de favelas discute o Plano Estratégico do Rio

PÁGINAS 4 E 5

Criança gosta de afeto mais do que de presente

PÁGINA 10 E 11

A Maré ganha mais duas Clínicas da Família

PÁGINAS 6 E 7



ELISÂNGELA LEITE

A saúde da boca

A visita ao dentista deve acontecer a cada seis meses. Na Maré, a Prefeitura oferece sete Unidades de Atenção Primária, com serviços de saúde bucal de graça. Mas há também grande oferta na rede privada a preços que cabem no bolso. **PÁGINA 3**

Protesto faz obras do CIEP Samora recomeçarem

Pais, alunos e profissionais da educação saíram pelas ruas da Maré pedindo a retomada das obras no prédio do CIEP Samora Machel que pegou fogo. O local sofreu constantes arrombamentos e depredações, mas já está em obras para voltar a receber os estudantes. **PÁGINA 15**



ELISÂNGELA LEITE

EDITORIAL

Olá, leitores! No mês de outubro temos muitas datas especiais. Dia 3, é o Dia Mundial do Dentista, profissional imprescindível para a nossa saúde, mas que muitas vezes não tão visitado, por medo da dor ou por receio de se gastar muito dinheiro. Por isso fizemos um levantamento de clínicas de saúde bucal que oferecem atendimento gratuito. Outra data lembrada nessa Edição é o Dia Nacional da Leitura, dia 12, e o Dia Nacional do Livro, dia 29. Na reportagem das páginas 8 e 9, você vai ver que na Maré há algumas bibliotecas comunitárias que emprestam livros e também têm atividades lúdicas como contação de histórias. O incentivo à leitura deve começar desde cedo, e os benefícios são inúmeros. Quem lê, escreve melhor, pensa melhor e cria senso crítico sobre o mundo. Recomendamos a todos uma bela viagem pelo mundo da leitura! No mesmo dia 12, temos a celebração do Dia das Crianças. Muitas vezes, esse momento se torna tenso para os pais, que se sentem obrigados a apresentar a meninada. Nas páginas 10 e 11, trazemos algumas dicas e sugestões de psicólogos que alertam: criança gosta mais de afeto, da presença dos pais que de presentes. Nesse mundo corrido, muitas vezes compensamos a falta de tempo, com a compra de futilidades e presentes para os filhos. Mas a reflexão proposta, aqui, é se realmente este é o caminho correto. A qualidade do tempo oferecida numa brincadeira com os pequenos pode valer mais que muitos reais gastos em brinquedos da moda. E é sobre o tempo que gastamos no trabalho o tema do artigo de outubro, que traz uma reflexão sobre a escravidão que nos é proposta como “trabalho” nas grandes cidades. Dia 15 é Dia do Professor, e foi pela união de alguns dos mestres e da comunidade do CIEP Samora Machel, que as obras recomeçaram na escola após o incêndio. Uma manifestação proposta por eles, reuniu pais, alunos e profissionais da educação que percorreram as ruas da Maré até a Avenida Brasil pedindo a atenção das autoridades sobre o abandono que a escola estava sofrendo. O resultado veio logo após a reivindicação, a promessa da retomada das obras. Outro destaque desta Edição, é um texto feito de forma coletiva por jovens moradores da Maré sobre a discussão a respeito da política de guerra às drogas. Há um ano, esse grupo discute alternativas para acabar com o extermínio de jovens nas favelas, por causa das operações policiais em torno do combate ao tráfico de drogas. E pela primeira vez em uma favela, o debate com mais de 90 representantes da sociedade civil tratou do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, que é organizado pelo prefeito Marcelo Crivella. A sociedade carioca deve reavaliar e reinvidicar as 65 iniciativas e 101 metas propostas pela Prefeitura, em até 90 dias após a entrega do Plano, e apresentar uma nova versão do documento, para que as necessidades da periferia não sejam ignoradas. A gente fica aqui na torcida. Boa leitura e até a próxima Edição!

O Vila do João é campeão

Clube vence competição na categoria juvenil

HÉLIO EUCLIDES

O Clube Vila do João foi Campeão, na categoria Sub-17. A final foi realizada no Estádio Leônidas da Silva, em Bonsucesso, na manhã de 22 de julho. A garotada da Maré venceu o Clube Brasil, pelo placar de 2 a 1, com gols de Jones e Daniel. A taça foi entregue pelo representante da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ), Caetano Barleta, aos 20 atletas que formam a equipe vencedora, que tem o apoio nessa competição oficial da Associação de Moradores da Vila do João e da instituição Nova Direção. “Esses garotos tiveram de sair daqui para serem vistos. Hoje o futebol é regido pela batuta dos empresários, e eles não entram em favela. Aqui na Maré tem muito garoto bom, que pode integrar grandes clubes”, desabafa **Paulinho Esperança**, um dos diretores do Clube Vila do João. Ele acrescenta que dois jogadores já se apresentaram no Vasco, na categoria de base, para a realização de testes. O técnico vencedor foi Alexandre Pichette, auxiliado por Pablo. Parabéns para a equipe.

EU, LEITOR

“Gostei da matéria do Maré de Notícias 79, página 7, sobre sífilis. É muito importante para os jovens. E o título “Um mosquito incomoda muita gente, vários incomodam muito mais” - um bom título”. **Israel Batista**, morador da Vila dos Pinheiros

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESSE
ESPAÇO É SEU!

comunicação@redesdamare.org

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redesdamaré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

act:ionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz Nóbrega Júnior
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb - 24422 /RJ)

COLABORARAM NESTA

EDIÇÃO:
João Ker
(Mtb 0987/RJ)
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)

FOTÓGRAFA

Elisângela Leite

REVISORA:

Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO

Mórla_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Folha Dirigida

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: www.redesdamare.org.br

f /redesdamare

Instagram /redesdamare

Twitter @redesdamare

A saúde começa pela boca

Cuidar dos dentes é fundamental para qualidade de vida

HÉLIO EUCLIDES

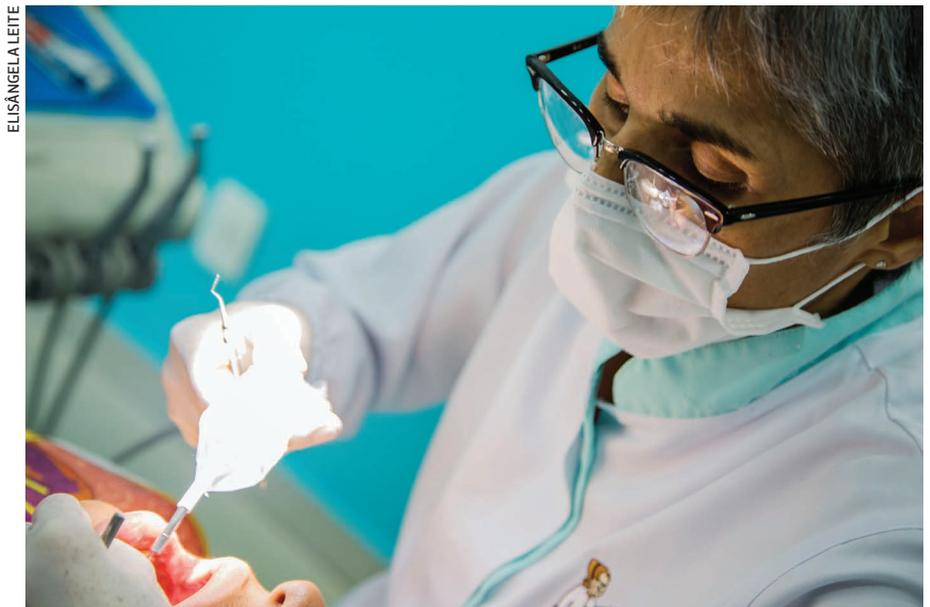
Ui, que dor de dente! Não é só nesse momento que se deve procurar o dentista. A recomendação é visitar o profissional a cada seis meses, para uma revisão e, se necessário, uma limpeza. Escovar os dentes e a língua após as refeições é imprescindível para evitar as cáries. Outro passo é o uso de fio dental. E o cuidado com a saúde bucal, para a surpresa de muitos, deve se iniciar nos primeiros meses de vida, com a limpeza da gengiva com um paninho, ou gaze. E o incentivo à escovação deve começar cedo, pois previne problemas futuros.

Quando se pensa em ir ao dentista, muitos pensam logo no bolso, com medo de gastarem muito dinheiro. Mas na Maré a Prefeitura disponibiliza sete unidades de Atenção Primária, que oferecem serviços de saúde bucal gratuitamente. Essas equipes são responsáveis pelo primeiro cuidado da saúde bucal, realizando a avaliação inicial do paciente e o tratamento necessário, como procedimentos cirúrgico-restauradores, conforme as necessidades. Há também ações educativas como a escovação dental supervisionada, aplicação tópica de flúor, e visita às escolas. O atendimento clínico nas unidades conta ainda com raspagem de tártaro, restauração de dentes anteriores e posteriores, extrações de dentes, atendimento de urgência, exames clínicos para identificação de lesões suspeitas de

malignidade e visitas domiciliares. Em casos mais complexos, como tratamento de canal, extrações de dentes mais difíceis, radiografia panorâmica, e tratamento de lesões na boca, os pacientes são encaminhados para os centros de especialidades odontológicas.

A saúde bucal no sistema privado

Circulando pela Maré, o que não falta é propaganda de consultórios e clínicas particulares. Algo que mostra que é um mercado rentável. Contudo, a credibilidade precisa ser testada. **Rosilene Miliotti**, moradora do Parque União, depois de diversas experiências, encontrou alguém de confiança na Vila do Pinheiro. “Conheci por indicação de amigos, quando cheguei lá vi que grande parte da família de meu esposo e amigos se tratavam lá, há anos”, revela. Rosilene se trata num consultório particular, com a dentista **Zinolândia Medeiros**, mais conhecida como Zizi, há 18 anos na Maré. “Para atuar aqui, precisei fazer várias especializações. Um exemplo, é o trabalho delicado com pacientes diabéticos”, declara ela, que se apaixonou pela Maré, de onde não saiu mais. Para a dentista, além da escovação, a alimentação é primordial. “As escolas precisam fazer um trabalho de educação bucal e alimentar. Aqui recebo pacientes que só bebem refrigerantes, nem água



Zinolândia Medeiros, mais conhecida como Zizi, é dentista há 18 anos na Maré

colocam na boca. Chegam aqui com tanta dor que não conseguem nem escovar os dentes. O exame de radiografia panorâmica mostra dentes sem estruturas, mas lutamos com medicamentos contra a extração. O refrigerante é o nosso inimigo, o mal do século, que tira até o cálcio da infância”, denuncia. A prevenção é o ideal para o cuidado com a saúde bucal. “Já me disseram que eu ia passar fome, pois trabalho a prevenção e o tratamento”, esclarece.

“Aqui recebo pacientes que só bebem refrigerantes, nem água colocam na boca. Chegam aqui com tanta dor que não conseguem nem escovar o dente”

ZINOLÂNDIA MEDEIROS

ONDE TRATAR DE DENTE DE GRAÇA NA MARÉ:

CMS AMÉRICO VELOSO
Rua Gerson Ferreira, 100, Praia de Ramos

CMS HÉLIO SMIDT
Rua Tancredo Neves, S/Nº, Rubens Vaz

CMS SAMORA MACHEL
Rua Principal, S/Nº, Baixa do Sapateiro

CMS NOVA HOLANDA
Rua Ivanildo Alves, S/Nº

CMS VILA DO JOÃO
Rua 17, S/Nº

CF AUGUSTO BOAL
Avenida Guilherme Maxwel, 107, Morro do Timbau

CF ADIB JATENE
Avenida Bento Ribeiro Dantas, S/N, Vila dos Pinheiros

CENTROS DE ESPECIALIDADES ODONTOLÓGICAS:

- Policlínica José Paranhos Fontenelle - Rua Leopoldina Rego, 700, Penha
- Policlínica Newton Alves Cardozo - Rua Dr. Antônio Monteiro, 191, Cacuia, Ilha do Governador
- Centro Municipal de Saúde Maria Cristina Roma Paugartten - Rua Joaquim Gomes, s/nº, Ramos

Um Rio realmente para todos

Pela primeira vez, o debate para o Plano Estratégico da cidade acontece na favela

JOÃO KER

“Como é o Rio de Janeiro no qual você quer morar pelos próximos 4 anos? O que precisa mudar para que ele se torne realidade? Como você, morador da Cidade (nem sempre) Maravilhosa, pode contribuir para que essas mudanças sejam feitas?”. Essas e outras perguntas deram o tom do “Encontro de Favelas”, no Centro de Artes da Maré, em 26 de agosto. Por lá, mais de 90 representantes da sociedade civil se uniram para debater o Plano Estratégico organizado pelo prefeito Marcelo Crivella (PRB) e apresentar uma nova versão do documento, para que as necessidades da periferia não fossem ignoradas.

O Plano Estratégico é o contrato que Crivella firma com o Rio para o seu mandato: o que ele pretende implementar, mudar e melhorar está escrito ali em forma de metas. A sociedade carioca deve reavaliar e reivindicar as 65 iniciativas e 101 metas propostas pela Prefeitura, em até 90 dias após a entrega do Plano, que começou a ser articulado pela Casa Fluminense, que produziu três oficinas abertas sobre o tema. O resultado dessas discussões foi entregue aos responsáveis na 1ª audiência pública realizada pela Prefeitura. “Na nossa forma de atuação, temos uma preocupação com o

monitoramento de políticas públicas, sempre buscando isso de forma participativa”, explica **Henrique Silveira**, 31 anos, coordenador da Casa Fluminense. “Agora, iremos consolidar uma segunda versão desse documento. Precisamos de uma audiência com a Prefeitura e outros membros da sociedade civil para negociar quais são as mudanças possíveis.

Mas Prefeitura do Rio não parece estar muito engajada com o que os cidadãos realmente querem. A plataforma digital oferecida pelo governo havia prometido várias etapas de consulta pública, mas dois meses depois de entregar o Plano, apenas uma sessão foi realizada. A participação foi mínima: 354 pessoas responderam a um levantamento que nem fazia menção às metas. As audiências públicas, graças à falta de divulgação, não tiveram representatividade popular expressiva, assim como não houve um trabalho de conscientização que explicasse, de forma clara, qual a base e as propostas do Plano.

Os três encontros públicos organizados pela Casa Fluminense ajudaram a consolidar um novo documento de demandas populares. Nele, são estabelecidos 12 pontos prioritários, além de 44 metas comentadas e reavaliadas com



DOUGLAS LOPES

O encontro aconteceu no CAM com participação de moradores e representantes da sociedade civil

base no que o povo precisa. “Precisamos fazer um esforço em cima das metas que queremos alteradas. Queremos ver acontecer! Os políticos deveriam ter mais cautela na hora de prometer qualquer coisa. E a sociedade precisa estar mais atenta para cobrar tais promessas”, finaliza Henrique Silveira.

PRINCIPAIS PONTOS E REIVINDICAÇÕES:

✓ SEGURANÇA PÚBLICA

Não à toa, esse foi o Grupo de Trabalho com o maior número de participantes, um fato que por si só já diz bastante sobre as demandas da periferia. Basicamente, a discussão pode ser resumida em um pedido: que a segurança do Rio de Janeiro seja acessível para toda a cidade, e não apenas para o entorno da orla, como o Plano prevê. “Não acreditamos que segurança comunitária se faça com mais polícia.

Hoje, mesmo sem ter esse poder, a Guarda Municipal já é repressiva, violenta e abusa do uso desmedido da força. É preciso uma capacitação melhor desse serviço.” explica **Marina Motta**, da Redes da Maré.

✓ EDUCAÇÃO

O ponto prioritário é o aumento de 73,7% das matrículas em tempo integral na Rede pública, até 2020. No caso específico da Maré, um dos pontos mais cruciais foi a suspensão das aulas por causa das operações policiais no horário escolar. “Os únicos comentários feitos eram sobre a reposição de aulas. O que nós queremos é a ausência de operações nesse horário, até porque as reposições nunca são no mesmo nível”, explica **Alexandre Dias**, professor de uma escola municipal da comunidade: “a Secretaria de Educação tem de discutir com a Secretaria de Segu-

rança Pública do Estado”, afirma. Dentre os outros pontos que mereceram destaque nas rodas de conversa e não foram contemplados pelo Plano Estratégico estão o acesso de jovens com problema de mobilidade às escolas; o número de alunos em sala de aula; e a falta de auxiliares da educação – pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais.

✓ SAÚDE

A falta de transparência nas propostas foi o maior incômodo para os moradores de favela, já que o Plano não explica como as metas lançadas – como a abertura de novas Clínicas de Especialidades – podem ser efetivadas com o atual orçamento carioca. “Isso não é um mau negócio, mas precisamos entender que não pode haver nenhuma diminuição. E é importante que esse atendimento não seja feito à custa de quem mora na favela”, aponta **André Lima**, Conselheiro de Saúde em Manguinhos. O Grupo de Trabalho também levantou um plano de carreira para agentes de saúde; questionou a falta de atenção à saúde mental e a dificuldade de acesso aos tratamentos pela rede pública.

✓ CULTURA

A carência de um entendimento amplo e inclusivo sobre o que é a cultura evidenciou a necessidade de mais fomento ao setor, assim como maior democratização do acesso. “O direito aparece só no que diz respeito ao consumo da cultura em padrões já pré-estabelecidos. Não há nada sobre a produção ou mobilização. É um lugar no qual você não tem nem autonomia de escolha no que quer consumir – é apenas voltado para o que eles acham válido”, explicam **Isabela Souza**, do Observatório de Favelas; **Luiza Fenizola**, da Comunidade dos Catalizadores; e **Jaqueline Andrade**, assistente social da Redes da Maré.

Outra ideia rechaçada pelo Grupo foi a criação de um Museu da Escravidão. “O objetivo é debater que tipo de memória queremos. Quando você cria um museu com esse nome, está restringindo a história negra aos movimentos de escravidão e liberdade. O pior é que não fala exatamente sobre a cultura negra, mas sobre a escravidão, uma pauta eternamente ligada à negritude. É como se a gente só fosse isso”, queixou-se **Jaqueline**.

✓ MEIO AMBIENTE

Uma das principais falhas do Plano é a falta de atenção a áreas que não têm interesse turístico ou comercial. Com isso, a necessidade de coleta seletiva e saneamento básico para toda a cidade, assim como a inclusão dos catadores nesse processo mostrou-se essencial; o aumento da área verde em periferias, com a implementação do Parque Urbano de Madureira e do Parque Urbano da Serra da Misericórdia, e a criação de uma Política Municipal de Agricultura Urbana foram pontos levantados. “Nós queremos aproveitar essas ações para gerar trabalho e renda nas próprias comunidades, com a permacultura. Por que não capacitar a comunidade para fazer os serviços e gerar não só renda, mas também responsabilidade social na manutenção desses aspectos?” – questiona **Edson Gomes**, do projeto Verdejar Socioambiental.

“

Precisamos fazer um esforço em cima das metas que queremos alteradas. Queremos ver acontecer! Os políticos deveriam ter mais cautela na hora de prometer qualquer coisa. E a sociedade precisa estar mais atenta para cobrar tais promessas”

HENRIQUE SILVEIRA

✓ HABITAÇÃO E MOBILIDADE

Aqui, mais uma vez, a sociedade pede transparência, honestidade e bom senso. É o caso do estudo levantado em 2014 e nunca divulgado sobre o custo real e o faturamento dos transportes públicos, assim como o cumprimento da promessa de construir habitações de interesse urbano no Porto Maravilha. “Tocamos muito no assunto das remoções, que realocaram pessoas em condomínios habitacionais longe de onde moravam anteriormente. O ideal é existir uma oferta de espaço para os negócios no território onde essas casas são construídas. Isso já acontece na Maré e em outras favelas, até porque os desenhos dessas moradias não contemplam a realidade das famílias que vivem ali”, esclarece **Renan Braga**, dos projetos Maré Sem Fronteiras, Piratas de Bici e MobRio.



Ilustração feita para o evento

Ilhas de calor urbana

Estudo mostra que algumas áreas com menos verde sofrem com a temperatura elevada

HÉLIO EUCLIDES

“Está fervendo, pegando fogo, que lua, maçarico ligado, que calor dos infernos...”. Essas são algumas expressões que ouvimos no período do verão, ou quando o calor invade outras estações do ano. Percebe-se que a temperatura é maior em alguns locais da cidade que em outros, principalmente onde há mais construções e menos vegetação: essas são as ilhas de calor urbanas. Este fenômeno não causa apenas desconforto às pessoas, mas podem ser motivo de doenças, aumentando as taxas de mortalidade, além de elevar a demanda de energia e o aquecimento global. Esse fato estimulou Carolina Hartmann Galeazzi, arquiteta urbanista e doutoranda, a estudar este fenômeno na Maré e as possibilidades de diminuir seus efeitos.

A ilha de calor é um fenômeno climático em que as

temperaturas são mais altas nos espaços mais urbanizados, com concentração de asfalto, alta densidade de prédios e materiais que absorvem mais energia solar. O aumento da temperatura se deve, sobretudo, a áreas com ausência ou baixa ocupação de vegetação e pouca permeabilidade do solo. “Podemos sentir que o calor é maior perto da Avenida Brasil, por exemplo. O asfalto absorve calor, além do alto fluxo de carros que soltam altas concentrações de gás carbônico, que também ajudam a aquecer o ar. Quando chove, a água é armazenada e evapora assim que o solo começa a aquecer, diminuindo a temperatura do ar, o que não acontece no asfalto que esquenta e libera calor”, comenta Carolina.

No mapa de ilhas de calor da Região Metropolitana do Rio de Janeiro existe uma grande mancha vermelha so-

bre a Zona Norte, o que simboliza um local muito quente. Foram identificadas temperaturas mais altas que no centro da cidade, exatamente onde se concentra a maior parcela da população carioca, de 40,2%. Na Zona Norte também há grande número de favelas da cidade, entre elas a Maré. “A Zona Norte é muito densa e tem menos árvores. Um exemplo da baixa arborização é a Praça do Parque União, que sem o sombreamento, se torna um espaço desconfortável termicamente para o seu uso durante o dia, permanecendo vazia”, revela Carolina. Para ela, um dos maiores erros é cimentar o quintal, pois a terra e a vegetação ajudam a amenizar as temperaturas do ar, e ainda auxiliam no controle de enchentes.

Assim como em outros locais da cidade, na Maré se encontram materiais que contribuem com as ilhas de calor: o

asfalto, as lajes de concreto e as telhas de fibrocimento, que ficam pretas com o tempo. “A deficiência de ventilação também causada pela densidade construída que impede a circulação de ar penetre nas ruas no nível do pedestre, também auxilia no aumento do calor e, dentro das casas acarreta, além do aumento do calor, aumento da umidade e do mofo e maior risco de se ter doenças respiratórias”, explica a pesquisadora. As ruas estreitas e casas coladas impedem que o ar circule, favorecendo o calor. As casas ficam sem ventilação, e essas edificações não podem se refrescar. Ao circular na Vila dos Pinheiros, percebe-se que as casas próximas ao Parque Ecológico são menos quentes.

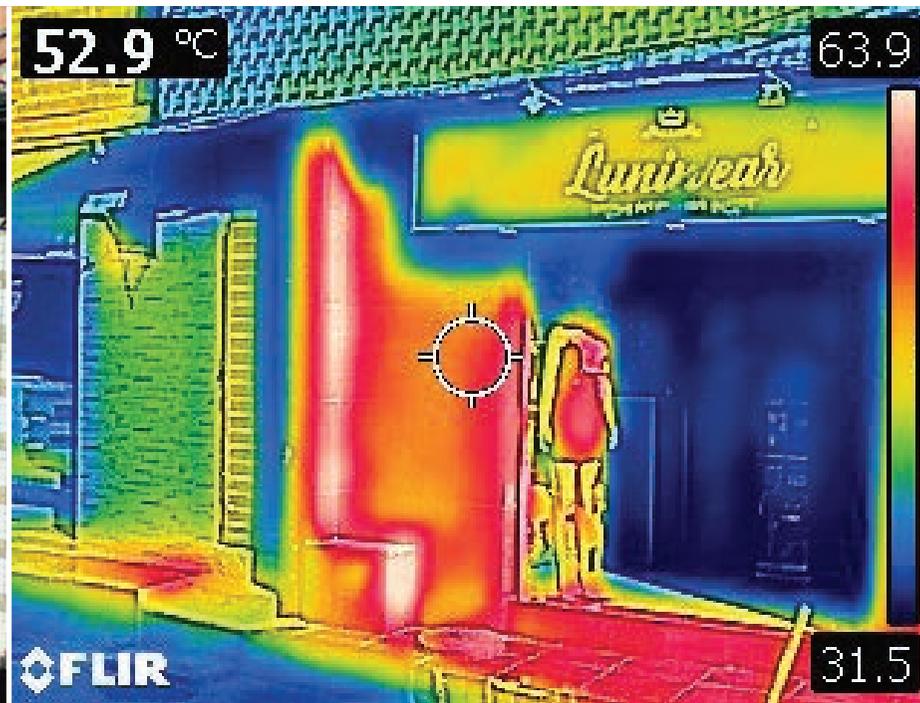
Amenizar os efeitos das ilhas de calor

Algumas ações podem ser tomadas para diminuir as ilhas de calor, como a valorização das áreas verdes. É preciso sombrear as vias, com arborização das ruas, praças e, porque não, usar vegetação nas fachadas das casas. A vegetação ajuda muito no controle da temperatura, pois, além de sombrear as superfícies que absorvem calor, e quando ela

FOTOS: CAROLINA H GALEAZZI



A fachada da casa, que não está pintada, passa dos 50 graus de temperatura como mostra a foto da pesquisadora feita por uma máquina especial



A cor preta da fachada da loja faz a temperatura chegar perto dos 53 graus, conforme a máquina fotográfica da pesquisadora, que consegue captar o calor por infravermelho

absorve a radiação solar libera vapor d'água, o resultado é menos calor no ambiente. Para lugares em que não há espaço para o plantio de árvores, por exemplo, o jardim vertical pode ser uma solução.

Para ela, plantar hoje é uma solução eficiente para o futuro. O aquecimento excessivo da cidade intensifica o aquecimento global, podendo acarretar outros problemas, como áreas da cidade passíveis de alagamento, pela elevação do nível do mar. “Algumas regiões da Maré estão apenas a um metro e meio do nível do mar, o que pode ser preocupante”, calcula Carolina. Além disso, pode-se melhorar os materiais usados nas construções. A pesquisadora acredita que para contornar a problemática das ilhas de calor é necessário, a princípio, pouco gasto, como pintura da laje e de telhado ou uso do telhado verde. “O ideal é pintar as casas, lajes e telhas com cores claras. As cores, além do seu efeito visual, interferem na capacidade dos materiais de absorver radiação do sol, de refletir, de armazenar e transmitir calor. Um exemplo são os tecidos, as roupas brancas são mais frescas que as pretas. O preto do tecido também absorve calor, já o branco refle-

te”, lembra Carolina.

Uma solução que se torna problema é o uso do ar condicionado. Quando se instala um ar condicionado a parte interna da edificação fica fria, mas joga ar quente para fora de casa, aquecendo ainda mais a cidade. Na Maré existe um grande número de aparelhos instalados. “É importante que os moradores da Maré tomem conhecimento das causas e consequências das ilhas de calor e que conheçam as formas de suavizar seus efeitos para que possam agir na comunidade pela melhoria do conforto térmico e pela promoção da saúde nos lugares em que moram e trabalham. É importante também que as escolas façam um trabalho educacional com as crianças, mostrando a importância do verde para a própria comunidade, por meio da plantação de hortas e árvores na escola e no entorno. Não entendo essa cultura de ter que ser tudo asfaltado, do campo de futebol ser sintético, e de cimentar o próprio quintal”, questiona a pesquisadora.

Uma Maré de temperatura quente

Na tarde de 11 de setembro, a pesquisadora percorreu as ruas da Maré e entorno, e

mediu a temperatura de superfície de diversos pontos, com uso de uma câmera especial: na Avenida Brasil, altura da passarela 10, a medição do asfalto ficou em 37º graus na sombra, e 45º ao sol. Já numa loja da própria via, com fachada preta, a temperatura chegou a 52º graus. O que mostrou a problemática do uso da cor escura. No Centro de Artes foram feitas três verificações, com 45º graus na cobertura, telhado externo 52º, e fachada branca 34º. Em uma casa com vegetação na frente, a temperatura era amena, só 30º graus. Outro ponto, se repetiu a temperatura agradável, na Rua dos Lírios, um logradouro com vegetação. Numa laje sem pintura, e batendo sol, a temperatura foi ao limite de 55º graus. No campo sintético da Rubens Vaz, o clima não era para futebol, com 44º graus.

Uma pesquisa sobre a favela

O projeto de título “O mar que virou sertão: as ilhas de calor e o conforto térmico na Maré” só está no início. A previsão é, no mínimo, um ano de pesquisa de campo para estudar as ilhas de calor na Maré e as maneiras eficientes de reduzi-las. A Nova Holanda foi escolhida como primeira eta-

pa, depois as análises devem seguir para outras comunidades. “Eu espero que com este trabalho, os moradores possam ter as ferramentas para melhorar o conforto térmico na Maré, dentro do possível, e exigir melhorias no entorno com o objetivo de melhorar a qualidade de vida na Maré e na cidade como um todo, por um futuro mais saudável e sustentável para todos. Outro objetivo é conscientizar os governantes para a necessidade de a população ter um ambiente confortável”, conclui.

O geógrafo **Andrews Lucena**, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), entende que o estudo das ilhas de calor objetiva identificar os espaços mais quentes na cidade e possíveis estratégias para amenizar seu efeito no conforto térmico da população. “O morador terá condições de compreender como acontece o fenômeno e participar de fóruns junto ao poder público para buscar soluções de diminuir o desconforto térmico no bairro. As soluções passam pelo uso de novos pavimentos e revestimentos nas ruas e casas, além da necessidade de criação e manutenção de áreas verdes”, finaliza.

Leitura é o caminho do saber

Bibliotecas comunitárias ganham espaço na Maré

HÉLIO EUCLIDES

A leitura não depende só da compra de um livro. Muitos utilizam espaços que disponibilizam livros para consultas ou empréstimos. Na Maré, existem vários ambientes de incentivo à leitura, bibliotecas para todas as idades. **Vitor Félix**, 22 anos, é frequentador assíduo da Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto e valoriza o espaço: “a biblioteca dentro da favela é muito importante. É preciso que sejam criadas outras, e que seja estimulado o uso delas. O jornal é peça fundamental para alcançar mais pessoas na divulgação de locais de incentivo à leitura”.

Ele, além de ler, realizou um sonho de fazer parte da produção de um livro. Vitor ilustrou o livro *Nala*, da escri-

tora **Caroline Rocha**. A obra conta a história de uma criança negra, que descobre a sua beleza no mundo racista. Outra que entrou no mundo da escrita é **Adriana dos Santos da Silva**, que adotou o sobrenome *Kairos*. Ela escreveu três livros e organizou outros quatro, com amigos. Sua trajetória de leitora e escritora não foi fácil. “Meus pais sempre queriam ter um livro novo em casa. Apesar da falta de dinheiro, nós íamos em Duque de Caxias, num sebo, e comprávamos os livros”, conta.

Já na adolescência começou a inventar histórias e poesias. Na vida adulta descobriu três professores que mudaram sua vida. “A primeira achava tudo um lixo, o resultado é que queimei boa parte das

minhas criações. Outra me fez escrever uma redação oito vezes, e me recolocou no caminho das letras. E por fim, um mestre incentivou o meu ingresso na faculdade”, desabafa. Hoje Adriana é professora, e incentiva seus alunos a viajar nos livros. “Uma forma de boa leitura na infância é narrar o livro, fazer as vozes dos personagens, o barulho dos acontecimentos”, ensina. “A criança não pode querer só fazer o dever de casa, é preciso pensar. Não pode ler por ler, tem de ter sentido. É importante incentivar a leitura na alfabetização, com livros de palavras simples, como fiz no meu último que escrevi, dedicado às crianças”, afirma. O título do último livro de Adriana é *Me Deixa Jogar*. Para ela,

o computador, tablet ou livro digital são plataformas de leituras, outros instrumentos que ajudam a conquistar essa nova geração.

Bibliotecas populares na Maré

A Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto foi pensada para a articulação de diferentes atores comprometidos com a transformação estrutural da Maré. Fundada em 2005 é um equipamento cultural de fomento à leitura. Em 2011, passou por obras e ganhou um espaço destinado ao público infantil, com mobiliário adequado para eles: Sala de Leitura Escritora Maria Clara. “Meu sobrinho era agitado, não se concentrava. Tudo mudou há dois anos, quando começou a frequentar a Biblioteca, onde ele encontrou livros e atividades. O ‘errado’ eles veem o tempo todo, por isso a importância da existência deste espaço, para ter outros horizontes”, conta **Nice dos Santos**. A Sala oferece oficina de leitura, contação de histórias, jogos, piquenique literário, espetáculos infantis, encontro com autores, cine pipoca e oficina de azulejaria. “É muito bom ver crianças que saem das escolas e EDIs, e passam na Biblioteca. Muitas vezes, vejo o responsável lendo livros infantis e gibis, pois não teve contato com o livro na infância”, detalha **Luciene Vieira de Andrade**, coordenadora da Biblioteca. Ela lembra que muitas crianças infelizmente não têm livro em casa. “Quando se fala em livro, vem logo à mente o preço. Mas existe muito livro barato, o importante é garimpar escritores que possam incentivar a leitura”. Não tão longe da Nova Ho-

ELISÂNGELA LEITE



Contação de história na Biblioteca Infantil Maria Clara Machado deixa a criançada atenta

landa, funciona a Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado, fundada em 2005 na Lona Cultural Herbert Vianna. Com o acervo de quase 6 mil livros variados, a biblioteca recebe diariamente mais ou menos 40 crianças e alguns adultos, que participam de diversas atividades. Alguns projetos locais ajudam nas atividades, como o Grupo de Teatro Atiro, Muda Maré e o Nenhum a Menos. “A Biblioteca é um ponto de referência de leitura. Aqui as crianças saem da rotina escolar, encontram um lugar de liberdade para o que desejam criar. É importante esse acesso direto aos livros, mostrar a possibilidade de eles verem o mundo por meio da leitura”, detalha **Mariana Rodrigues**, bibliotecária arte educadora.

Outra opção é a Biblioteca Comunitária Nélide Piñon, inaugurada em 2007 e com mais de 3 mil livros no acervo. **Geraldo de Oliveira** a fundou, pois, os moradores de Marcílio Dias tinham de sair da comunidade para realizar pesquisas. Contudo, a crise financeira fez com que a Biblioteca fechasse suas portas em 2015. Em setembro, retomou suas atividades em novo endereço. Apesar da dificuldade de funcionar num local alugado, Geraldo está confiante: “a união da comunidade foi primordial”. Apesar da falta de recursos, a promessa é voltar com antigos eventos, como o Dia do Conto, o arrastão literário, e os passeios infantis. “A Biblioteca é um espaço de cultura, onde se viaja pelas páginas dos livros. Tenho muitas alegrias, vi uma menina aprender a ler aqui na Biblioteca. Estou feliz em voltar, agradeço a Deus essa oportunidade”, declara. Ele revela que o próximo passo será a distribuição de 120 brinquedos no Dia das Crianças. Outra ideia é realizar um mutirão para catalogar os livros, dessa forma, será possível voltar aos empréstimos.

Já a Biblioteca Comunitária Luciana Savaget foi fundada

em 15/10/2012, no Dia do Professor. Tem 4 mil livros e funciona na sede do Instituto Vida Real. O seu fundador, Sebastião Antônio de Araújo, explica que a ideia partiu de voluntários e contadores de histórias. “Não só os alunos utilizam a Biblioteca, mas a família também. Ela está aberta a toda comunidade, para pesquisa e empréstimo”. A biblioteca ainda participa do Projeto Fábrica de Biblioteca, que recolhe livros e encaminha a outras salas de leituras.

A caçula na Maré, A Biblioteca Bela Maré, surgiu junto com a 2ª edição do Travessias, em 2013. Os livros são divididos em uma estante de 4 metros de altura, com 13 metros de comprimento, criada por Pedro Évora, arquiteto da maquete da Maré. O acervo reúne livros de artes, literatura e infantis, e é formado por doação, desenvolvido pela própria comunidade. “Não é comum na cidade um acervo consistente de arte, uma especificidade. A ideia é ampliar o espaço de leitura e de reflexão. Nosso desafio é a falta de financiamento”, confidencia **Alexandre Silva**, coordenador do Galpão Bela Maré. Para ele, o incentivo à leitura depende de todos. “A falta do hábito da leitura não é uma questão da favela, é uma deficiência da sociedade”, afirma.

Dia Nacional da Leitura e Dia Nacional do Livro

No dia 12 de outubro, é comemorado o Dia Nacional da Leitura, com diversas campanhas educativas. No mesmo mês, uma outra data remete à leitura, o Dia Nacional do Livro, que surgiu em homenagem à fundação da Biblioteca Nacional do Livro, em 1810, pela Coroa Portuguesa, em 29 de outubro de 1810. Vale lembrar que o Brasil começou a editar seus próprios livros ainda em 1808, quando Dom João VI fundou a Imprensa Régia. O primeiro livro a ser editado foi “Marília de Dirceu”, do escritor Tomás Antônio Gonzaga.



Biblioteca Comunitária Luciana Savaget tem 4 mil livros e funciona na sede do Instituto Vida Real

ANOTE NA AGENDA

- ✓ **Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto** - Rua Sargento Silva Nunes, 1.012 - Nova Holanda
Aberta de Sala jovem e adulto: segunda a sexta, das 9h às 21h
Sala Infantil Escritora Maria Clara Machado: , das 14h às 20h
 - ✓ **Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado** - R. Evanildo Alves, s/nº - Nova Maré
Aberta de segunda a sexta, das 13h às 18h
 - ✓ **Biblioteca Comunitária Nélide Piñon** - Rua Dom Eugênio Sales, 40 - Marcílio Dias
Aberta de segunda a sexta, das 9h30 às 17h30
Sábado das 9h às 13h, com atendimento jurídico.
 - ✓ **Biblioteca Comunitária Luciana Savaget** - Rua Teixeira Ribeiro, 575 - Parque Maré
Aberta de segunda a sexta, das 8h às 17h.
 - ✓ **Biblioteca Bela Maré** - Rua Bittencourt Sampaio, 169 - Nova Holanda
Aberta de terça a domingo, das 10h às 19h
 - ✓ **Biblioteca Machado de Assis** - Rua Farani, 53 - Botafogo
Aberta de segunda a sexta, das 9h às 17h. Primeiro e último sábados do mês de 10h às 16h.
 - ✓ **Biblioteca Manuel Ignácio da Silva Alvarenga** - Praça Thelmo Gonçalves Maia, s/nº- Campo Grande
Aberta de segunda a sexta, das 9h às 17h
 - ✓ **Biblioteca Euclides da Cunha** - Ilha do Governador Praça Danaides, s/nº- Cocotá.
Aberta de segunda a sexta, das 9h às 17h. Primeiro e último sábados do mês das 10h às 16h.
 - ✓ **Biblioteca João do Rio** - Avenida Monsenhor Félix, 512 - Irajá.
Aberta de segunda a sexta, das 9h às 17h.
 - ✓ **Biblioteca Marques Rebelo** - Rua Guapeni, 61- Tijuca.
Aberta de segunda a sexta, das 9h às 17h. Primeiro e último sábados do mês, das 10h às 16h.
 - ✓ **Biblioteca do Amanhã Annita Porto Martins** - Rua Sampaio Viana, 357, Rio Comprido.
Aberta de segunda a sexta, das 9h às 17h.
 - ✓ **Biblioteca Popular Abgar Renault (CASS)**
Rua Afonso Cavalcanti, 455, sala 251- Cidade Nova
Aberta de segunda a sexta, das 10h às 17h
 - ✓ **Biblioteca Fernando Sabino** - Santa Cruz
Praça do Lote, 219- Santa Cruz.
Aberta de terça a sexta, das 9h às 17h.
 - ✓ **Biblioteca José de Alencar** - no Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo
Rua Monte Alegre, 306 - Santa Teresa
Aberta de segunda a sexta, das 9h às 17h.
 - ✓ **Biblioteca Cecília Meireles** - Jacarepaguá
Funciona na Praça Geraldo Simonard s/n, Pechincha (Lona Jacob do Bandolim) e na Rua barão, 1180, Praça Seca (Centro Cultural Municipal Professora Dyla Sylvia de Sá)
Aberta de segunda a sexta, das 9h às 17h. Primeiro e último sábado do mês das 10h às 16h.
- Para cadastro os visitantes devem levar os seguintes documentos (todos originais):**
- Uma foto 3x4; RG; CPF; Comprovante de residência.
Para visitação não é necessário cadastro.

Consumo ou carinho?

Para o 12 de outubro, pais tentam ajustar o orçamento à demanda dos filhos. Mas o que fazer quando isso não é possível?

JOÃO KER

Enquanto uns esperam ansiosos a chegada de 12 de outubro, outros começam a se desesperar com o significado perdido da data e a demanda incessante de presentes que ela cria na mente do público infantil. Na TV, na escola e na internet, o Dia das Crianças já começa a espalhar sua publicidade agressiva e a incentivar o consumismo desenfreado dos brasileiros. Mas como lidar com o fato de que nem sempre é possível presentear seu filho ou sua filha com a última boneca da moda, o celular mais incrível ou aquela roupa de marca que todos estão usando? Como dosar o excesso

de bens materiais com a oferta de carinho à criança?

“Uma das grandes ilusões dos pais modernos é exatamente a de poder preencher, agradar ou satisfazer seus filhos com o próximo produto a ser oferecido. A mesma ilusão é produtora de sentimentos de culpa, fracasso e desvalorização pessoal quando não pode suprir as expectativas dos filhos. O produto em lugar do afeto e da atenção”, observa **Roberto Stern**, psicólogo e integrante da Comissão Regional de Direitos Humanos do Conselho Regional de Psicologia do Rio. De acordo com ele, há um perigo latente em pais que

não conseguem dizer ‘não’ aos filhos e atendem a todas as suas vontades, sem pensar nos danos imediatos e futuros que isso possa causar. “As crianças, provocadas e estimuladas a partir da propaganda e do conhecimento, naturalmente têm demandas sempre renovadas que expressam no interior da família. Quando esta responde atendendo continuamente a estes anseios, cria um padrão de relacionamento onde a oferta dos produtos é o significativo do afeto. A criança pode só se sentir amada na presença dos presentes”, explica.

Entretanto, o psicólogo alerta que o problema principal

não é a quantidade de presentes que uma criança recebe nesta ou em qualquer outra data, mas a forma como os pais atendem a esse pedido. “Quando eles participam do uso e permanecem próximos aos filhos, isso não funciona de forma equivalente àqueles que meramente entregam o mesmo presente e se distanciam”, aponta Roberto, acrescentando que ainda assim é preciso tomar cuidado com a “bonificação” desenfreada, que também pode ser nociva ao comportamento infantil.

Na escola, esse excesso de produtos e de consumo pode gerar uma diferenciação de certas crianças em relação a outras, um problema que ataca ambos os lados: os que têm demais e os que não conseguem ter. Há mais de 20 anos dando aulas na Ilha do Governador, nas redes pública e particular, para alunos que vão do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, **Claudia Thompson** conta como alguns alunos mais pobres se comportam próximo ao Dia das Crianças: “alguns criam uma fantasia porque ouvem o tempo inteiro na televisão que precisam comprar isso ou aquilo, ter o celular ou a roupa tal. A gente sabe que aquela família não tem nada disso, conhece a realidade, conhece pai e mãe, mas as crianças vivem em um mundo alternativo. Como você diz para a criança que ela não vai conseguir?” - questiona a professora de Geografia.

ELISÂNGELA LEITE



Os atrativos nas lojas chamam a atenção das crianças. Pais precisam ajudar no excesso de consumo

De acordo com ela, essas crianças normalmente se sentem isoladas e viram alvos temporários. “Não chega a haver uma inclusão. Quem ganhou quer mostrar que ganhou, a não ser que seja uma pessoa muito amiga. Mas isso depende bastante do aluno. Alguns menosprezam muito o outro, e isso vai da índole de cada um. É um fenômeno que eu observo tanto no ensino particular quanto no público. É uma questão de educação”, explica Claudia, que conta já ter ouvido até de alguns pais insensíveis que, se os filhos têm presentes, eles têm o direito de se exibirem.

Essas crianças precisam de atenção.

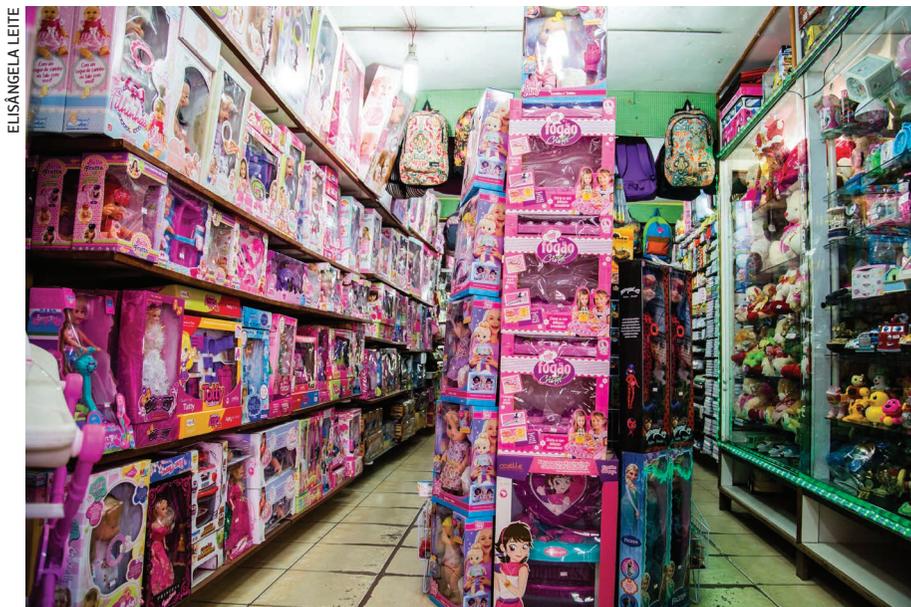
Ainda que as crianças em situação econômica mais vulnerável possam sofrer *bullying* ou mesmo uma tristeza temporária por não terem “o presente ideal”, isso não significa que aquelas presenteadas se sintam tão melhores assim. Para Claudia, existe um problema muito mais latente no ensino particular: pais que tentam corrigir a ausência afetiva com bens materiais. “Eu vejo muito disso na classe mais alta, de o pai tentar compensar o amor com presente”. Ela conta que também já conheceu famílias em que os responsáveis passam o dia trabalhando fora e ainda assim não conseguem suprir algumas necessidades dos filhos: “Eles sempre vão tentar fazer de tudo pela criança, não importa a renda que tenham”, comenta.

Essa impossibilidade muitas vezes gera o processo inverso, como ela observa. Os pais se sentem culpados por não poderem presentear os filhos e, ao invés de suprirem a carência financeira com amor, acabam se distanciando ainda mais. “Quando eles têm problemas

com os pais, passamos por situações muito complicadas na escola, porque fica evidente a falta que isso faz. Já tive caso de alunas que tentaram se matar no meio da escola, falando: “por que meu pai tem filho se não quer saber da gente? Por que ele briga comigo por estar desempregado? Eu não tenho culpa!”, relata.

Com suas mais de duas décadas dedicadas à convivência com crianças e pré-adolescentes dos mais diferentes recortes sociais, Claudia afirma ainda que a necessidade do consumo infantil não é nenhuma novidade e que ela também passava por isso quando tinha essa idade. A mudança real está na relação entre pais e filhos, algo que ao longo do tempo se perdeu de uma forma nada positiva. “As pessoas não estão dando carinho. Em todos os níveis sociais, o que mais falta é atenção. E não precisa ser uma família no modelo tradicional, com pai, mãe e filhos – é só ter alguém que goste e demonstre. O resto, as crianças vão aceitando se você conversar”, alerta.

No âmbito escolar, ela conta que professores, orientadores e pedagogos fazem uma força conjunta para ajudarem os estudantes que eventualmente possam se revoltar com isso: “O que tentamos fazer é mostrar que pode não estar ganhando o presente que se quer hoje, mas no futuro poderá dar aquilo para o seu próprio filho. É preciso fazer um trabalho muito intenso para eles não ficarem perdidos, mas com conversa eles entendem. No fundo, a criança não está preocupada em ganhar presentes. É um problema apenas afetivo”, complementa, reconhecendo que ao longo da carreira já



Brinquedos por toda parte expostos em uma loja da Vila dos Pinheiros

encontrou colegas com pensamentos diferentes e com certa relutância em incentivar alunos a se desenvolverem.

Roberto também afirma que trocar o carinho familiar por presentes, ou mesmo anular a atenção em função deles, pode gerar sequelas no comportamento das crianças. “O desenvolvimento da personalidade de uma criança, até que se torne adulta, está condicionado por muitos fatores e não apenas por um aspecto. Uma família que responda a essas necessidades de atenção, sempre e principalmente com a oferta de produtos, pode facilitar a estruturação de uma pessoa que compulsivamente necessita consumir para aplacar suas ansiedades. Isso pode ir desde um mero hábito consumista até uma situação patológica de consumo compulsivo”, alerta.

Para o psicólogo, as afirmações prestadas por Claudia estão corretas e devem ser levadas em consideração: o mais importante para o desenvolvimento saudável da mente de uma criança está longe de ser o que ela vai ganhar em qualquer data comemorativa: “naturalmente, a sociedade que diferencia e hierarquiza as pessoas

por suas diferenças de posses, de cor, de região, de habitação é tremendamente perversa com as crianças, pois estas são afetadas diretamente pela propaganda. Porém não são produtos, mas atenção e afetividade que podem conter e evitar os sentimentos de desvalia que tendem a ser desenvolvidos neste processo”.

“

Os pais se sentem culpados por não poderem presentear os filhos e, ao invés de suprirem a carência financeira com amor, acabam se distanciando ainda mais.”

CLAUDIA THOMPSON

O trabalho como força da realização humana

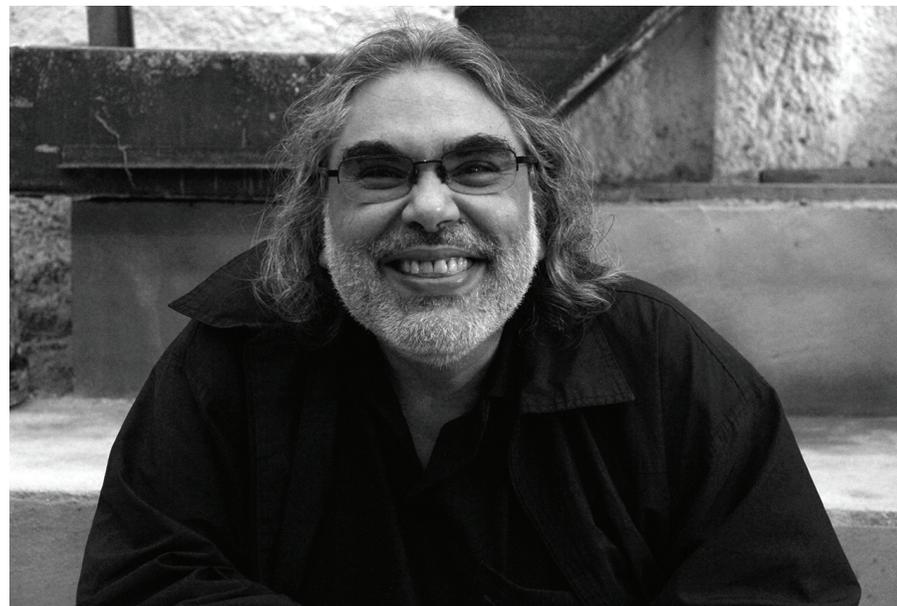
EDUARDO ALVES

EDUARDO ALVES É ECONOMISTA E SOCIÓLOGO, NASCEU NA PERIFERIA CARIOCA E HOJE FAZ PARTE DA DIREÇÃO DO OBSERVATÓRIO DE FAVELAS

O mundo, que predomina para todos os que necessitam sobreviver com a venda da sua força de trabalho e seguem em busca de um salário que possa garantir a vida para mais um dia, é um obstáculo para o desenvolvimento e ampliação humana. É nesse trabalho (a ação das pessoas no mundo do mercado para garantir o salário da subsistência) que existe no mundo no qual vivemos, onde as pessoas se tornam coisas, escravizadas, aprisionadas em não se realizar, em apenas sobreviver para mais um dia. Todos os dias se tornam iguais: acordar, cuidar de filhas e filhos, enfrentar conduções lotadas, viver as mais cruéis violências, garantir a duros custos suas moradias e sentir, com muita dor, o corpo acabar, sem realizações, com mulheres e homens cada vez mais distantes da felicidade. E a maioria das pessoas, convencidas de que esse é o único caminho, segue sobrevivendo, a trancos e barrancos, um dia após o outro. É preciso mudar essa história.

As pessoas deveriam viver o

trabalho em suas mais profundas realizações de criatividade. Mas, no mundo que existe, tendem a ficar esmagadas pela força da exploração, que coloca o lucro acima da vida. A relação das pessoas com o trabalho acaba sendo a produção e a garantia da circulação de mercadorias, sem compreender, entre quem produz, quem são os criadores. E, na maioria das vezes, quem garante a circulação das mercadorias no grande mercado que toma o mundo não possui sequer o direito de utilização de tais coisas. As pessoas se coisificam progressivamente nesse movimento. É possível construir um ambiente diferente, no qual o trabalho se apresenta como criatividade, invenção, produção das mudanças e elemento para a construção de transformações que alterem a vida e a sociedade. Por meio do trabalho, as pessoas se relacionam com outras e com a natureza e isso só deveria existir para ampliar a potência humana e fortalecer a ação de transformação do mundo atual. Ou seja, o tra-



balho precisa existir para produzir uma vida melhor na sociedade e no território e, aí, sim, haverá o trabalho de verdade, aquele que liberta, cria artes e inventa alternativas criativas e cria insumos para melhorar a vida.

Vive-se em um mundo no qual predomina o ponto assinado, o cartão batido, o tempo contabilizado e o desejo inalcançável para que a hora do término do trabalho chegue. Aquele momento em que se espera viver pingos de felicidade e se possa namorar, estudar, ir ao teatro, dançar, cantar, produzir artes, assistir um filme, ficar com a família, e buscar ações que não são vistas como trabalho. Romper com a exploração econômica é, portanto, elemento fundamental e decisivo para que o trabalho alcance sua dimensão mais plena, o de realização das satisfações materiais e espirituais da humanidade.

Apostar em ambientes coletivos onde possamos construir espaços voltados para fortalecer e identificar caminhos de ampliação do papel de cada pessoa, como sujeito da sua própria vida, é uma ação fundamental. Trata-se de criar e ampliar a humani-

dade em todos os seus aspectos e em todas as suas dimensões. Para isso, é importante conquistar direitos em todos os espaços da cidade.

Precisa-se unificar ações coletivas nos vários ambientes da vida. É necessário conquistar, no território, condições dignas de subsistência, como saúde, educação, transporte, equipamentos de arte, espaços de lazer, formas de encontro coletivo, onde o trabalho siga se realizando como força humana, sem o peso de ser algo que escraviza.

Nesse sentido, fortalecer a periferia, que já realiza, em vários momentos da sua vida, ações que se contrapõem à sociedade do mercado e aponta, para um outro mundo, é fundamental. Vamos, portanto, fazer tremer os vergalhões e os concretos, criando várias flores que nascem do asfalto, superando limites de marcas para uma escala cada vez mais ampla da dignidade humana. Afetividade, colaboração, solidariedade, que nascem e vivem nesse plano são ações para o hoje, mudando o mundo atual e criando uma cidade de direitos.

“

As pessoas deveriam viver o trabalho em suas mais profundas realizações de criatividade. Mas, no mundo que existe, tendem a ficar esmagadas pela força da exploração, que coloca o lucro acima da vida.”

Movimentos: Drogas, Juventude e Favela

TEXTO FEITO DE FORMA COLETIVA PELOS MORADORES : ANDRÉ GALDINO, ARISTÊNIO GOMES, HENRIQUE GOMES, KARINA DONARIA E MAYARA DONARIA

Fala, morador! Ficou sabendo o que aconteceu na Nova Holanda no dia 2 de setembro? O lançamento do “Movimentos: Drogas, Juventude e Favela”, no Centro de Artes da Maré. O Movimentos é um grupo de jovens de diferentes favelas que discute como as políticas de drogas afetam e atrapalham, diariamente, a vida de quem mora nas periferias do Brasil. O Movimentos é uma iniciativa do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, o CESeC. Há mais de um ano esses jovens se reúnem para trocar informações e ideias sobre esse tema, em oficinas e grupos de estudo, com a presença de vários especialistas no assunto. Por que isso é importante? Por que nós, moradores de favela, temos de estar envolvidos nesse debate, uma vez que somos nós quem mais sofremos com as políticas feitas em nome da “guerra às drogas”, que na verdade é uma guerra aos pobres e pretos. Por isso mesmo, somos os mais capazes de dizer qual o melhor caminho para seguir.

O lançamento teve a presença de pessoas que trabalham com o tema e chegaram na intenção de contribuir. Na mesa, junto aos jovens do Movimentos, estava Djamilia Ribeiro, filósofa e feminista negra; o professor de história e coordenador da UNEGRO Douglas Belchior; e Flávia Oliveira, jornalista. O debate rolou durante duas horas, com participação de uma plateia de mais de 300 pessoas, na sua maioria jovens, negros, de periferia, e de mais de 11 mil pessoas que acompanharam o debate por meio da internet, pela página do grupo no Facebook. Ao final, um ataque poético dos Poetas Favelados, dando início às apresentações artísticas dos integrantes do Movimentos,

que estão formando uma banda para difundir as ideias pela música e conseguir atingir mais gente de outra forma. Enquanto tudo isso acontecia, três projeções revelavam ao público vídeos dos encontros que aconteceram durante o processo de formação do grupo, com depoimentos dos jovens integrantes do Movimentos. Ainda, durante o processo de formação, esses jovens construíram uma cartilha informativa sobre tudo o que aprenderam e ensinaram. A cartilha, que também está disponível no *site* do grupo, está sendo distribuída ao público, para fazer o debate sobre drogas chegar em lugares onde dificilmente chega, nas favelas e periferias. A informação é nossa principal “arma”.

Dos 14 jovens que formam o Movimentos, cinco são morado-

res da Maré. André Galdino, 30 anos, morador do Parque União, foi agente de saúde durante quatro anos, é estudante de Economia e trabalha com a venda de quentinhas. Aristênio Gomes, 26 anos, paraibano e morador do Parque União desde os 8 anos de idade, é estudante de História e atua como Educador de História e Sociologia no Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CE-ASM). Henrique Gomes, 34 anos, morador da Nova Holanda, trabalha com produção musical. Há sete anos, começou a trabalhar com pesquisa nas áreas de Segurança pública e política de drogas. É pesquisador na Redes da Maré e integra a equipe do projeto “Convivências na cena Flávia Farnese”. Karina Donaria, 22 anos, moradora do Parque União, trabalha na produtora AMaréVê, é fotógrafa e *videomaker*. E Mayara Donaria, 21 anos, moradora

do Parque União, trabalha com comunicação, audiovisual e também faz parte do AMaréVê.

Esses jovens estão no início de um caminho que ainda é difícil trilhar no Brasil: falar sobre drogas. Debater sobre esse tema é complicado, porque existem muitos mitos e tabus, mas é necessário. Muito do que pensamos saber sobre drogas está errado, e muitas das políticas feitas não têm funcionado! Em vários lugares do mundo essa transformação vem sendo feita, e novas políticas têm dado resultados positivos – o que nunca aconteceu em mais de um século de gastos com repressão e confrontos nas favelas e periferias brasileiras. Quer saber mais? Nos procure pela favela e em nossa página.

facebook.com/movimentos2017
[http://movimentos.org.br/publicacoes\(cartilha\)](http://movimentos.org.br/publicacoes(cartilha))



Jovens que participam do grupo de estudo sobre drogas com objetivo de propor uma nova política pública no Brasil

CONJUNTO ESPERANÇA**Bar do Grande**

Desde roda de samba, pagode “retrô”, banda ao vivo com todos os ritmos e intervalo com DJs da casa.

Quando – todos os dias.

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos, 322

MORRO DO TIMBAU**Dogueria Resenha**

Há menos de um ano aberto como um Food Truck carioca, especializado em hot dog artesanal, já aparece como um dos espaços mais “bombados” do momento, com pelo menos três eventos semanais.

Quando – sextas, sábados e domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – Avenida Guilherme Maxwel, 95

NOVA HOLANDA**Baile Funk da NH**

Quando – sábados

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Teixeira Ribeiro – alguns eventos acontecem no Campo da Paty

Quadra do Gato de Bonsucesso

Fora as atividades carnavalescas, a quadra da Escola de Samba do Gato de Bonsucesso realiza toda semana a roda de samba do Tapa na Peteca.

Quando – domingos

Horário – a partir das 18h

Localização – Rua São Jorge

Pagofunk da BT

Abre a semana de eventos na Nova Holanda, e acontece na rua que dá nome à festa.

Quando – quintas

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Bitencourt Sampaio

CAM: Centro de Artes da Maré

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-7265

facebook.com/centrodeartesdamare

02/10 (segunda-feira)

Cia Fiasco

Circulação Norte “D’água e Lama

Horário - 19h

03 a 05/10 (terça a quinta)

Oficina de Luminária Breu

Horário - 15h às 18h

06 e 07/10 (sexta e sábado)

Mostra Cine Diversidade

Horário - 18h

25 e 27/10 (quarta e sexta)

Rodada de Cicloativismo na Maré

Pintura ciclofaixas frente galpões

Bittencourt Sampaio

Placas de sinalização de ciclistas

Horário - 15h às 18h

28 e 29/10 (sábado e domingo)

Oficina de Marcenaria

Horário - 15h às 18h

30/10 (segunda-feira)

Exibição filme: Nise - O Coração da Loucura + bate papo

Horário - 19h

TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

NOVA MARÉ

Lona Cultural Municipal Herbert Vianna

RUA IVANILDO ALVES, S/N, NOVA MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-6815

facebook.com/lonaculturaldamare

05/10 (quinta-feira)

Cine Clube Rabiola

Horário - 17h

06/10 (sexta-feira)

Oficina Livre de Teatro com Grupo Atiro

Horário - 15 às 18h

16 e 17/10 (segunda e terça)

Brincando na Lona

Oficina de Maquetes com Priscila Fizman

Horário - 15h às 18h

18/10 (quarta-feira)

Jornada de Outubro no Parque Laje

Oficina de cadernos

Artistas viajantes por universos

imaginados, com João Kammal

Horário - 10h às 12h no Parque Laje

19/10 (quinta-feira)

Cine Club Rabiola

Horário - 17h

20/10 (sexta-feira)

Oficina de Teatro com o Grupo Atiro

Horário - 15h às 18h

Favela Rock (bandas: Canto Cego, Comoé e Drenna)

Horário - 21h

26/10 (quinta-feira)

Rodada de Cicloativismo na Maré

Pintura de ciclofaixas

Horário - 15h às 18h

27/10 (sexta-feira)

Oficina de Teatro com o Grupo Atiro

Horário - 15h às 18h

Toda semana de segunda a sexta

Projeto Nenhum a Menos

1ª turma: das 15h às 16h30

2ª turma: das 16h30 às 18h

Para crianças de 6 a 12 anos

Todas as sextas-feiras, das 15h às 18h

Laboratório Vivo Muda Maré

TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

PARQUE MARÉ

Baile Charme da Teixeira

Quando – domingos

Horário – a partir das 20h

Localização – Rua Teixeira Ribeiro 563 - na calçada da Loteria

PARQUE UNIÃO

Baile Funk do PU

Quando - sextas

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Ari Leão

Roda Cultural do Parque União

Hip hop, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.

Quando – sextas

Horário – 18h

Localização – Rampa de Skate, no final da Rua Ari Leão

Baile Retrô

Baile funk da antiga e charme.

Quando - domingo

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Roberto da Silveira

Praça do Parque União

O forró da Praça já um evento consagrado e que já trouxe grandes bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno.

Quando – domingos

Horário - a partir das 22h

Localização – após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha

BBBar

Tradicional Pagofunk já famoso na Maré e fora dela.

Quando – sábados

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Larga

PRAIA DE RAMOS**Pagode do Litirão**

Pagofunk sempre com uma atração do funk e do pagode.

Quando – sextas

Horário – a partir das 23h

Localização – Piscinão de Ramos – Passarela 13

SALSA E MERENGUE**Pagode da CII**

Um dos eventos mais tradicionais de funk e pagode da Maré.

Quando – sextas e domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – Via CII

VILA DO JOÃO**Baile da V.J**

Quando – sábados

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João

VILA DOS PINHEIROS**Tabacaria Dread Locks**

Shows de bandas do cenário alternativo do rock, reggae, rap e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam músicas para tocar a noite toda, numa *playlist* colaborativa.

Quando – sextas e sábados

Horário – a partir das 20h

Localização – Via B9 - em frente ao bloco 1

MARÉ NO CENTRO DO RIO

Os fotógrafos AF Rodrigues, Elisângela Leite, Fabio Caffé, Luiz Baltar e Monara Barreto, do coletivo Folia de Imagens estão na exposição “Festa Brasileira: Fantasia Feita à Mão”, em cartaz no Centro SEBRAE de Referência do Artesanato Brasileiro - Praça Tiradentes, 69 - Rio de Janeiro

Visitação pública: de 21 de junho a 28 de outubro de 2017

Entrada gratuita

Duas novas clínicas da família na Maré

HÉLIO EUCLIDES

No início da década de 1990 foram criados seis postos de saúde na Maré, que funcionavam nos CIEPs e eram administrados pelo Movimento Maré Limpa. De lá para cá, a Maré cresceu e os “postinhos” se sobrecarregaram. Apesar de terem status de Centros de Saúde, as instalações não tinham o tamanho das necessidades médicas. O Coletivo Maré que Queremos, que reúne 16 associações de moradores, percebeu o sofrimento da população e entregou um documento à antiga gestão municipal, com reivindicações, entre elas a criação de quatro Clínicas da Família.

A Secretaria Municipal de Saú-

de já queria devolver os espaços para as escolas. Os profissionais que estavam alocados no CIEP Leonel Brizola foram para o novo prédio do CMS Américo Veloso, na Praia de Ramos. Foi criada a primeira Clínica da Família da Maré, Augusto Boal, onde existia o antigo SESI, que acomodou os pacientes e profissionais do CMS Operário Vicente Mariano. Depois veio a Clínica da Família Abid Jatene, que extinguiu o CMS Ministro Gustavo Capanema, na Vila dos Pinheiros.

Duas novas clínicas

Ao lado do BRT Maré, no Parque União, ainda em outubro deve ser inaugurada a terceira Clínica da Família. A unidade vai receber os profissionais e pacien-



A quarta Clínica da Família vai funcionar no Parque Maré dividindo instalações com o CVT

tes do CSM Hélio Smidt e CSM Parque União. “Para a abertura, aqui no Parque União, vai ter um mutirão da Comlurb e do Parques e Jardins” afirmou **Hildebrando Gonçalves**, o Del, superintendente regional de Ramos.

A quarta Clínica da Família vai funcionar dividindo instalações com o CVT. “Para adaptar o lo-

cal para uma Clínica da Família. Com essa quarta clínica, a saúde sai das estruturas dos CIEPs”, revelou **Mariana Scardua**, coordenadora-geral da AP 3.1. Para essa Clínica serão transferidos pacientes e funcionários do CMS Samora Machel e do CMS Nova Holanda, que funcionam no CIEP Elis Regina.

Ato de Amor pelo Samora

HÉLIO EUCLIDES

“Queremos o Samora de volta!” Essa era a reivindicação que estava em uma das faixas da manifestação do CIEP Presidente Samora Machel. O protesto Ato de Amor pelo Samora contou com profissionais, pais e alunos, que se reuniram em frente ao colégio no dia 6 de setembro e saíram pelas ruas da Maré em caminhada, para a

retomada das obras no prédio, o fim dos arrombamentos e depredações e o retorno das aulas.

A passeata seguiu até a Avenida Brasil e o trânsito foi interrompido duas vezes. Motoristas entenderam o protesto, buzinaaram como forma de apoio. “É um movimento de luta da comunidade que precisa da escola. Não aceitamos o fechamento do colé-

gio e a paralisação da obra”, diz a mãe de um aluno.

Os professores vestiam camisas pretas, com os dizeres “SOS Samora”, para chamar atenção para as condições do CIEP. “O incêndio ocorreu por falta de conservação. Antes já tinha ocorrido três pequenos curtos-circuitos. Agora queremos a retomada da obra”, revela uma professora que preferiu não se identificar. Na passeata, os pais também empunhavam cartazes pedindo a atenção das autoridades. “Estamos aqui pela educação das crianças”, resume Mônica Loreto, mãe de aluna.

Instrumentos musicais e gritos de ordem animavam o protesto: “Aha, uhu, o Samora é nosso”. “No dia do incêndio eu estava ajudando. O poder do morador foi mostrado no ‘Maré de Notícias’, e desejamos continuar lutando pela educação. Quero minha filha no CIEP, e não em outra escola. É uma honra gritar pelo Samora

e repetiria isso mil vezes, pois foi a escola em que estudei”, afirma **Adriana Custodia**, do Conselho Escola Comunidade.

“Participei deste protesto, pois vi esta escola ser construída, e não aceito essa situação. Essa união vai nos ajudar a alcançar o nosso objetivo”, comenta **Silvana Araújo**, moradora da Maré. “Na Maré não precisamos pegar ônibus para levar os filhos à escola, ela está na nossa porta, por isso não podemos abandoná-la”, disse **Aline Cristian**.

Ao final da atividade, houve uma reunião da direção, profissionais de ensino e funcionários com Nilo Albuquerque, coordenador regional da Maré; Marisa Barros, subgerente de educação; e Hildebrando Gonçalves, o Del, superintendente de Ramos. Na reunião foram detalhadas as obras necessárias e todos saíram com uma boa notícia: “a reforma vai ser retomada no dia 11 de setembro”, declarou Del.



Os professores com os dizeres “SOS Samora”, chamam atenção para as condições do CIEP

TEMOS DIREITOS!

SOMOS DA MARÉ.

PERGUNTA

“Durante uma operação, minha casa foi invadida por dois policiais, eles não tinham nenhum mandado judicial que determinasse essa invasão. Os policiais entraram no meu quarto, revistaram meus armários e bagunçaram minhas coisas. Depois que eles saíram, fui à delegacia e registrei um Boletim de Ocorrência sobre o que aconteceu. Dois dias depois recebi por correio uma carta do delegado pedindo que eu volte à delegacia para participar de uma audiência e tentar reconhecer o rosto dos policiais que invadiram minha casa através de fotos. Estou com muito medo de voltar à delegacia. O que devo fazer?”

RESPOSTA

Em primeiro lugar, você deve pedir assistência a um advogado de confiança ou, se não tiver condições de pagar pelo serviço de um advogado, deve requisitar atendimento jurídico gratuito à Defensoria pública do Estado do Rio. Para saber onde é o posto de atendimento mais acessível para você, ligue para a Defensoria no número de atendimento gratuito: 129. Depois de conseguir a assistência de um advogado, explique o caso para ele e mostre a carta de intimação que você recebeu do delegado. Se por algum motivo você não quiser ou não puder pedir assistência a um advogado, deve simplesmente cumprir o pedido da carta de intimação: voltar à delegacia, procurar o delegado ou o inspetor policial responsável pelo seu caso e fazer o reconhecimento dos policiais que invadiram sua casa pelas fotos. Se depois disso você continuar com medo de que algo ruim aconteça com você em consequência dessa denúncia, conte isso claramente para o delegado para que ele inclua essa questão no caso e avalie se existe algum risco.

ENVIE SUA PERGUNTA PARA: comunicacao@redesdamare.org.br

PICOLÉ

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Direta

Escreva o nome de cada definição nos quadradinhos.

	A, B, _ D, E, F		
	_ POD		
	_ LHO	CONSOANTES DE CASA	
	9		
200 DU _ _ _			

1

MARÉ DE **Direitos**



ATENDIMENTO SOCIOJURÍDICO GRATUITO COM PROFISSIONAIS DO SERVIÇO SOCIAL E DO DIREITO.

SEXTA-FEIRA | 9H ÀS 13H

REDES DA MARÉ

Rua Sargento Silva Nunes, 1012 Nova Holanda (ao lado da Praça da Nova Holanda)

WHATSAPP: **99924-6462**

O WHATSAPP RECEBE FOTOS, VÍDEO E TIRA DÚVIDAS. AS INFORMAÇÕES QUE CHEGAM NO WHATSAPP SÃO MANTIDAS EM SIGILO.



Os melhores passatempos todos os meses nas bancas. Aproveite!

coquetel.com.br



Solução

S	O	S	N	Z					
V	E	N	D	A					
O	L	O							
R	A	C	E	N	O	R	A		
B	I	V							
O	L	A	D	R	A	O			
S	O	N							
I	N	A	C	O	R	T	I	N	A
A	N	I	Ç						
L	A	G	R	I	M	A			
A	N	P	C	A	N				
T	A	S	A	S					
B	E	E							